



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8126 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 05 - Estado e Política Educacional

O ENSINO REMOTO E OS LIMITES DO AUTOESTUDO

Josyllayne@gmail.Com - UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

O ensino remoto e os limites do autoestudo

Com a pandemia causada pela Covid-19, as escolas tiveram suas atividades presenciais suspensas. Docentes e alunos viram-se, de um dia para outro, obrigados a atuarem em um contexto de excepcionalidade, passando a ser adotadas ações para promover a educação com o objetivo de reduzir o prejuízo educacional.

Entre os múltiplos questionamentos, destacam-se: como garantir que os alunos não sejam prejudicados na aprendizagem e como evitar o acirramento das desigualdades sociais de acesso aos meios digitais?

Neste cenário, realizei entrevistas com o objetivo de verificar como os alunos da rede pública do Estado de São Paulo desenvolvem suas atividades em meio ao isolamento social, conciliando o estudo com a vida privada.

A escola que a comunidade rural viera a frequentar, em Atibaia, no inverno de 1986, era conhecida na redondeza da Estrada Juca, e em todo o bairro Santana, pela escola Rural e mais tarde como E. E. Prof. Pedro Silva. Atende em média trezentos alunos nas etapas dos Ensinos Fundamental e Médio e funciona em dois turnos.

Por uma resolução singular, há cinco meses, determinou-se o fechamento da escola em pleno mês de março. Esta resolução aumentou o fosso para conjecturas quanto ao papel da escola. Muitos atores sociais, cada qual na sua realidade, curvaram-se para escrever aos veículos de massa, refletiram e figuraram mil razões de possíveis tragédias.

Claro que não podemos deixar de salientar que a atual emergência sanitária nos pegou num momento de ataque cerrado à escola pública, no qual, ao que tudo indica, poderá aprofundar ainda mais as desigualdades na área educacional (KRAWCZYK, 2020).

Nestes escritos que nos assolaram, pouco se falou sobre as percepções dos alunos, aos quais não foi dada a oportunidade de externalizar suas emoções sobre os motivos que os impedem de dar sequência a seus estudos de forma remota.

Tinham-se passado setenta e oito dias depois do fechamento da escola. Foi neste momento que iniciei as entrevistas. Foram os seguintes os meus interlocutores: Carla, 18 a, estudante da 3ª série do E. M. e João, 17 a, estudante da 1ª série do E. M.

Para minimizar as perdas de aprendizagem e promover o acesso ao ensino remoto o Governo do Estado de São Paulo criou o Centro de Mídias da Educação. Trata-se de uma plataforma digital que veicula um programa criado pela Secretaria da Educação com conteúdo das disciplinas, elaborado pela equipe de produção e disponibilizado a alunos e equipe escolar.

Distribuídos em massa para consumo irrestrito, os conteúdos e os materiais didáticos são pensados como se houvesse autoaprendizagem por parte dos alunos. O discurso da autoaprendizagem camufla o investimento em aprendizagem-colaborativa. Neste modelo, os educandos não interagem com outros educandos e muito menos com seus professores. A docência mediadora é substituída pelo plantão de dúvidas, isto é, em vez de criarem e mediarem caminhos de aprendizagem, os professores apenas tiram dúvidas, referentes aos conteúdos apresentados nos aplicativos (SANTOS, 2009).

Assim como no Centro de Mídias SP, os alunos da escola em questão recebem, na segunda-feira, via WhatsApp o cronograma das aulas. As redes de ensino controlam a frequência, por meio das entregas de atividades pelos estudantes. As atividades seguem o mesmo formato da sala de aula, isto é, apresentação com um texto seguido de perguntas. Verifica-se, desta forma, ter ocorrido uma transposição do uso de lousa e giz para arquivos em formato *Word* e/ou PDF para WhatsApp.

Na educação remota, organização é a palavra-chave. Entre outras estratégias, é preciso ter horário semanal para as atividades remotas; é necessário manter a programação e ficar atento ao prazo de entrega de cada atividade.

Constata-se que os estudantes com maior provisão de capital cultural, ou seja, estudantes oriundos de famílias com habilidades e preferências da cultura dominante, são mais capazes de decodificar as regras do jogo implícitas, estando mais bem preparados para a adaptação e desenvolvimento de habilidades culturais e preferências recompensadas nas escolas (BOURDIEU, 1998).

Para observar a afirmação de Boudieu citada acima recorreremos a análise da narrativa por ser uma forma de o sujeito organizar sua realidade, assim penso ser importante conferir a questão da linguagem em relações com a concepção de realidade. A linguagem pode ser entendida como a realidade dos seres humanos na medida em que ela é o principal signo a representar a psique humana (BRUNNER, 2001).

As entrevistas possibilitam evidenciar as metamorfoses ocorridas na vida dos alunos e suas angústias, em consequência do isolamento social associado ao ensino remoto, tendo em vista que o fato de um grupo de pessoas ter nascido simultaneamente, numa mesma época, não significa, necessariamente, que seu comportamento será semelhante, embora possam ter compartilhado experiências ou testemunhado os mesmos fatos (MANNHEIM, 1993).

Sabe-se que uma entrevista etnográfica eficaz consiste também numa entrevista bem transcrita, daí a dedicação e desprendimento do tempo para realizá-las. As entrevistas serão tanto mais ricas e interpretáveis quanto sua transcrição for precisa e fiel. Todas as formas da linguagem devem ser respeitadas e mesmo o silêncio do interlocutor (BEAUD e WEBER, 2007). Vejamos por exemplo, o que os estudantes entrevistados dizem a respeito da organização do tempo para seus estudos:

Geralmente eu pego o finalzinho da tarde [...] depende tem dia que vou até as 21h [...] porque preciso ajudar em casa [...]às vezes faço no final da tarde ou no final de semana. (Carla, 3ª série do E. M.)

A vida privada “quebra” compromissos que deveriam ser assumidos. Fica evidente que apesar dos esforços, das escolas e da secretaria da educação, o ensino remoto talvez tenha como maior desafio o autoestudo no processo da aprendizagem de seus estudantes.

faço um tempo tipo 10 minutos de cada atividade de cada professor e se eu não consigo eu tento entrar em contato com esse professor[...] até me responder. Não tenho dia certo de fazer as aulas [...] depende. (João, 1ª série do E.M.)

Com a transcrição e releituras das entrevistas, percebi que o envolvimento dos alunos com a atividades remotas estava muito ligado a questões subjetivas e a suas atribuições de afazeres na casa. Este tema me parece latente no diálogo com os alunos, porém são necessárias ainda investigações mais aprofundadas a respeito dos limites do autoestudo. Ao questionar os alunos entrevistados quanto ao tempo que se dedicam aos estudos, percebi que muitas vezes suas ações dependem de seus desejos e de suas obrigações familiares.

Com base nesta sucinta análise, observo ser significativo realizar um trabalho por meio do método etnográfico para nos aproximarmos dos sentidos que os estudantes atribuem às suas práticas escolares e assim ter contato com a realidade social de que estes sujeitos se apropriaram.

Palavras-chave: Educação remota. Autoestudo. Metodologia etnográfica.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

BRUNER, J. S. **A cultura da educação**. Porto Alegre (RS): Artes Médicas, 2001.

MANNHEIM, Karl. (1993). O problema das gerações. **REIS - Revista Espanhola de Investigações Sociológicas**, 62 p. 193-242. Disponível em: <http://www.reis.cis.es/REIS/jsp/REIS.jsp?opcion=articulo&ktitulo=924&autor=KARL+MANNHEIM>. Acesso em: 24/04/2020.

KRAWCZYK, Nora. **A educação frente à pandemia e ao fascismo**: duros combates nos aguardam. 2020. Disponível em: <http://adunicamp.org.br/novosite/a-educacao-frente-a-pandemia-e-ao-fascismo-duros-combates-nos-aguardam/>. Acesso em: 30/6/2020.

BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. **Guia para a pesquisa de campo**. Produzir e analisar dados etnográficos. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

SANTOS, Edméa. **Educação online para além da EAD**: um fenômeno da cibercultura. Disponível em: <http://www.educacion.udc.es/grupos/gipdae/documentos/congreso/xcongreso/pdfs/t12/t12c427>. Acesso em: 26/07/2020.